

AS CONTRIBUIÇÕES DE RAYMOND WILLIAMS À TEORIA SOCIAL MARXISTA: A CRÍTICA AO MODELO BASE E SUPERESTRUTURA.

THE CONTRIBUTION OF RAYMOND WILLIAMS TO THE MARXIST SOCIAL THEORY: THE CRITICIZES TO THE BASE MODEL AND SUPERSTRUCTURE.

Vinicius Tadeu Milani¹

Resumo: A proposição de uma “base” determinante e uma “superestrutura” determinada marcou a teoria social marxista na primeira metade do século XX. Em nosso trabalho, pretendemos examinar a crítica de Raymond Williams em relação à aplicação mecânica dessas categorias de análise, projetada em seu ensaio de 1973, intitulado “Base e superestrutura na teoria da cultura marxista”. Para tanto, num primeiro momento, balizaremos o contexto histórico em que a obra de Williams surgiu, e do qual estava dialogando. Num segundo momento, iremos nos concentrar no desenvolvimento da crítica do autor, mobilizando o ensaio em questão. Nossa análise tem como objetivo central projetar uma apresentação do pensamento de Williams, e algumas de suas contribuições no interior do pensamento marxista, sobretudo nas investigações que pretendem se debruçar sobre a produção cultural a partir de uma perspectiva materialista e histórica.

Palavras-chave: marxismo. base. superestrutura. sociologia da cultura.

Abstract: The proposition of a determinant “base” and a determined “superstructure” marked Marxist social theory in the first half of the twentieth century. In our work, we intend to examine Raymond Williams’ critique of the mechanical application of these categories of analysis, projected in his 1973 essay entitled “Base and superstructure in the theory of Marxist culture”. To do so, in the first instance, we will mark the historical context in which Williams’ work emerged, and of which he was discussing. In a second moment, we will focus on the development of the author’s critique, mobilizing the essay in question. Our analysis has the central objective of projecting a presentation of Williams’ thinking and some of his contributions within Marxist thought, especially in the investigations that intend to focus on cultural production from a materialist and historical perspective.

Key-words: marxism. base. superstructure. sociology of culture.

INTRODUÇÃO

Raymond Williams (1921-1988) foi um intelectual que formulou um modelo de análise crítico, cujas contribuições abrangem as diversas áreas das Ciências Humanas.

¹ Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O trabalho contou com o financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: vinicius.tmilani@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3667-802X>.



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

Essa construção levou o autor a rever certas interpretações até então consolidadas entre os teóricos do marxismo no ocidente², na segunda metade do século XX.

Nascido em Pandy, uma comunidade situada na fronteira entre o país de Gales e a Inglaterra, Williams acompanhou as lutas da classe trabalhadora desde cedo. Seu pai era um ferroviário engajado politicamente, ativo participante do sindicato. Nos anos de graduação em Cambridge, participou de associações voltadas ao pensamento de esquerda, chegando a se filiar ao Partido Comunista Inglês. Anos depois, afastado do Partido, integrou o corpo de intelectuais que fundaram a New Left.

Em nosso trabalho, pretendemos examinar a crítica de Raymond Williams em relação à aplicação mecânica das categorias de análise “base” e “superestrutura”, projetada em seu ensaio de 1973, intitulado *Base e superestrutura na teoria da cultura marxista*. Para tanto, num primeiro momento, balizaremos o contexto histórico em que a obra de Raymond Williams surgiu, e do qual estava dialogando. Nessa contextualização, buscaremos destacar a filiação do autor em relação à teoria social marxista³, enfatizando as problemáticas que deram impulso à formulação de sua crítica. Num segundo momento, iremos nos concentrar no desenvolvimento da crítica do autor, mobilizando, sobretudo, o ensaio citado acima, sem prejuízo de outros textos que nos auxiliem em sua compreensão.

Nossa análise tem como objetivo central projetar uma apresentação do pensamento de Williams, e algumas de suas contribuições no interior do pensamento marxista, sobretudo nas investigações que pretendem se debruçar sobre a produção cultural a partir de uma perspectiva materialista e histórica.

COMUNISMO, TRABALHISMO E A EMERGÊNCIA DA NEW LEFT

Quando ainda era um jovem estudante em Cambridge, Williams participou do Clube Socialista⁴ dirigido pelo Partido Comunista Inglês. Após um mês de participação, o autor se filiou ao Partido. No entanto, já em 1941, recrutado pelo exército devido à Segunda Guerra Mundial, começou a se distanciar do PC. Com seu retorno às atividades acadêmicas em 1945, o afastamento foi definitivo. Em suas palavras, “[...] em 1945, estava ciente de que não me filiaria novamente” (WILLIAMS, 2013, p.37).

² Sobre as especificidades que o marxismo adquiriu nas obras de uma série de intelectuais no ocidente ao longo do século XX, consultar: ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental: nas trilhas do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2004.

³ É necessário destacarmos esse aspecto, pois em nossa argumentação, nos preocupamos em situar Williams como um teórico marxista que estava dialogando com as interpretações engendradas no interior desta mesma teoria social na primeira metade do século XX, em detrimento da perspectiva que enquadra a obra do autor nos chamados “Estudos Culturais”. Para uma leitura com essa perspectiva, consultar Maria Elisa Cevalco (2001; 2003).

⁴ Williams (2013, p.25) comenta que, na formação política dos membros do Clube, os textos de referência centrais eram “Do socialismo utópico ao socialismo científico” e “Anti-Duhring”, ambos de Friedrich Engels.

Como podemos observar, a relação de Williams com o marxismo e com a prática revolucionária tivera início antes da guerra. O autor foi um ativo participante das reuniões do Clube Socialista e das atividades do PC Inglês. Seu distanciamento não foi uma renúncia ao posicionamento de esquerda; em suas palavras, representou um “abandono”, sobretudo do marxismo veiculado pelo Partido⁵:

Pessoas sempre me perguntam hoje [1977-1978] por que não prossegui com os argumentos marxistas dos anos 1930. A razão é que senti que eles me conduziram a um impasse. Eu havia me convencido de que suas respostas não combinavam com as minhas perguntas... (WILLIAMS, 2013, p.37).

O Partido Comunista Inglês, entre guerras, estava contaminado pela perspectiva mecanicista e determinista, oriundas da Segunda internacional⁶. Em suas reflexões, o partido priorizava a rigidez das categorias base e superestrutura (GLASER, 2008, p.49-50). Nessas interpretações, existe uma base determinante e uma superestrutura determinada. As produções superestruturais aparecem como um mero reflexo secundário da base econômica⁷.

Na contramão dessas interpretações, em 1956, assistimos à emergência da New Left⁸. Para compreendermos a emergência desse grupo, é necessário termos em mente o cenário de meados dos anos 1950. Esse período foi marcado pelo XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1956); a tentativa de invasão do Egito pela Inglaterra no mesmo ano; a repressão à Revolução Húngara; e o giro de posição do Labour Party Inglês (Partido Trabalhista Inglês) (CEVASCO, 1998, p.146).

Nesse período, também assistimos à expansão dos meios de divulgação e circulação da produção cultural⁹. Como veremos, a produção artística aparecia como uma mercadoria, produzida em larga escala e altamente rentável. Num contexto como esse, uma perspectiva teórica que separasse as artes numa esfera apartada da realidade

⁵ Para André Glaser (2008, p.49), a não retomada das atividades partidárias, por parte de Williams, está concatenada com a ênfase dada pela direção ao “[...] caráter científico e revolucionário do marxismo tal como desenvolvido por Engels, postura rígida demais para comportar suas preocupações com as complexidades e desdobramentos de sua investigação sobre o campo da cultura”.

⁶ A Segunda Internacional dos Trabalhadores (1889-1914) foi marcada pelas polêmicas em torno dos escritos de Karl Kautsky (1854-1938). O “kautskismo” deu origem a uma leitura científica e positivista da obra de Marx, depurando toda sua dialética. Franco Andreucci (1982, p.22) caracteriza esse marxismo “vulgar” como “[...] grosseiramente mecanicista, evolucionista, distanciado da filosofia, mera explicação da necessidade das leis do desenvolvimento histórico, frequentemente traduzido em termos de cientificismo positivista”. O autor ainda aponta que tal leitura reduzia o marxismo a uma ideologia de partido, com uma forte carga determinista e mecanicista (ANDREUCCI, 1982, p.23).

⁷ Consultar, sobretudo, o artigo de Franco Andreucci: A difusão e a vulgarização do marxismo. IN: HOBSBAWM, Eric (org). *História do marxismo II: o marxismo na época da segunda internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

⁸ Sobre a emergência da New Left, consultar: CEVASCO, Maria Elisa. Formações intelectuais: a Nova Esquerda. IN: *Dez lições sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003; HALL, Stuart. Vida e época da primeira New Left. IN: *Revista Plural*, Volume 21, número 2. São Paulo, 2014.

⁹ Para um olhar do próprio Williams sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação e o uso de novas tecnologias na produção cultural, consultar: WILLIAMS, Raymond. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, MG: PUCMinas, 2016.

social, ou como mero reflexo da produção material, não era capaz de apreender a dinâmica da realidade sócio-histórica.

Conforme aponta André Glaser (2008, p.39), a emergência da New Left estava concatenada com “[...] o colapso das duas grandes tradições socialistas na Inglaterra: o stalinismo e o gradualismo fabiano”. Vimos anteriormente que o PC Inglês estava contaminado, de um lado, pela burocratização partidária e, por outro, pelas reflexões rígidas e mecanicistas. No caso do Partido Trabalhista, a perspectiva “gradualista” marcou um distanciamento político do horizonte revolucionário.

A New Left surgiu nessa esteira, e aglomerou um conjunto de intelectuais que tiveram o importante papel de repensar a teoria marxista da cultura à luz de novas problemáticas trazidas pelo modo de produção capitalista. No caso específico de Williams, esse reexame resultou numa crítica à perspectiva mecanicista, efetuada através da recuperação da própria obra de Marx.

A CRÍTICA DE RAYMOND WILLIAMS AO MODELO BASE/SUPERESTRUTURA

O primeiro momento da crítica de Williams é delineado em sua obra *Cultura e Sociedade*, publicada em 1958, especificamente, no capítulo intitulado *Marxismo e cultura*. Williams retoma autores marxistas ingleses dos anos 1930, destacando a aplicação mecânica das categorias base e superestrutura. Essa primeira crítica de Williams é de fundamental importância, pois representa um acerto de contas com autores marxistas britânicos, e esboça argumentos sobre as relações entre base e superestrutura que serão retomados em escritos posteriores.

É necessário retermos desse primeiro movimento da crítica, o ponto de partida do autor. Segundo Williams, na análise da produção cultural, ao invés de partirmos das categorias base e superestrutura, seria mais interessante retomarmos a afirmativa de Marx, segundo a qual, “o ser social determina a consciência”. Essas categorias de análise estão sintetizadas no *Prefácio à Crítica da Economia Política* nas seguintes palavras:

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência (MARX, [1859] 2008, p.47).

Para nossa análise, é importante notarmos que essa relação entre ser social, produção material e consciência, já havia sido trabalhada por Marx em sua crítica à filosofia alemã. Nos escritos que compuseram *A ideologia alemã*, o autor afirmava que:

Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas [...] A consciência não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser consciente é o seu processo de vida real [...] os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX; ENGELS, [1845-1846] 2014, p.94).

Nesses dois excertos, é possível observarmos o peso que Marx oferece ao ser social enquanto produtor de suas representações. As transformações históricas e o desenvolvimento das forças produtivas atuam de maneira a pressionar essas consciências para a prática. As representações engendradas nessa prática não só reproduzem, mas também produzem novos significados. Como veremos, essas questões serão centrais no pensamento de Williams.

O segundo movimento da crítica é acompanhado de sua sistematização. Podemos observá-lo em seu ensaio de 1973, intitulado *Base e superestrutura na teoria da cultura marxista*. É necessário termos em mente os trechos extraídos da obra de Marx anteriormente, para compreendermos o primeiro parágrafo do ensaio de Williams. Em tom provocativo, o autor afirma que:

[...] a proposição de base e superestrutura, com o seu elemento figurativo e com sua sugestão de uma relação espacial fixa e definida, constitui, ao menos nas mãos de alguns, uma versão bastante especializada e, às vezes, inaceitável da outra proposição [...] na transição de Marx ao marxismo e no desenvolvimento do marxismo mais difundido, a proposição da base determinante e da superestrutura determinada tem sido comumente considerada a chave para uma análise cultural marxista (WILLIAMS, 2011a, p.43).

A “outra proposição”, da qual fala Williams, diz respeito à afirmativa marxiana, segundo a qual, “o ser social determina a consciência”. Williams oferece prioridade a essa proposição, mas não descarta as demais categorias. Essa ênfase implica uma reavaliação da base, superestrutura e, sobretudo, o conceito de determinação.

A aceção de determinação como um processo prefigurado por uma força externa preexistente marcou a teoria marxista da cultura. No entanto, Williams lembra que o próprio Marx, ao usar o termo “determinar”, estava se opondo às perspectivas teológicas que insistiam em forças fora dos indivíduos, ou em uma consciência

determinante abstrata, como em sua versão idealista (WILLIAMS, 2011a, p.44). Marx buscava se referir à determinação histórica engendrada pelas atividades dos próprios indivíduos, pois são eles que fazem a história a partir de condições materiais e concretas.

Williams retoma essa noção de “determinação” da obra de Marx, e aponta que seu sentido diz respeito aos limites históricos que cerceiam determinadas práticas e as pressões, ou seja, as transformações históricas que impulsionam essas mesmas práticas. Em suas palavras, a “determinação” refere-se a um processo de “fixar limites e exercer pressões” (WILLIAMS, 2011a, p.44). Em outro texto, o autor se debruça de maneira mais detida nessa categoria analítica, e nos ajuda a compreender a dinâmica entre formação social, limites históricos, pressões, e consciência individual:

A “sociedade” não é nunca, então, apenas a “casca morta” que limita a realização social e individual. É sempre também um processo constitutivo com pressões muito poderosas que se expressam em formações políticas, econômicas e culturais e são internalizadas e se tornam “vontades individuais”, já que tem também um peso de “constitutivas”. Esse tipo de determinação – um processo complexo e inter-relacionado de limites e pressões – está na própria totalidade do processo social, e em nenhum outro lugar (WILLIAMS, 1979, p.91).

Se pensarmos no caso das produções culturais, podemos considerar que elas emergem como uma formação cultural¹⁰, determinada, de um lado, por limites históricos. No entanto, esses limites não solapam o alcance das práticas sociais. Elas são impulsionadas por pressões, como as transformações históricas em determinada sociedade. As produções culturais emergentes representam a internalização de processos históricos e sociais que são trabalhados pela consciência, tornados vontades individuais e concretizados em obras de arte (GLASER, 2008, p.148). Não se trata de um reflexo determinado pela economia, que oblitera o agenciamento do indivíduo. Conforme aponta André Glaser (2008, p.154), as produções culturais emergentes representam “[...] produções *criativas* de consciências pressionadas a agir; vontades que ganham forma cultural ao articularem de maneira original os recursos materiais da atividade cultural específica em que estão envolvidos”.

Após romper com as concepções vulgares que contaminaram o sentido da “determinação” na teoria marxista, Williams analisa o termo da relação, e problematiza a própria noção de superestrutura. Nas palavras do autor, após Marx, o sentido comum de superestrutura passou a ser sinônimo de uma espécie de esfera “[...] unitária dentro da qual as atividades culturais e ideológicas poderiam ser colocadas” (WILLIAMS, 2011a,

¹⁰ Na obra de Williams, as produções culturais que compartilham certos traços em comum, aglomeradas em “grupos” ou “instituições”, são interpretadas a partir da noção de “formação cultural”, em detrimento da ideia de “movimento”. Consultar: WILLIAMS, Raymond. Tradições, instituições e formações. IN: *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; Formações. IN: *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992; O Círculo de Bloomsbury. IN: *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

p.45). A partir desse sentido, foram engendradas significativas reflexões no interior da teoria cultural marxista, sobretudo no que tange à literatura, enquanto produção cultural situada na superestrutura. Nesse caso específico da literatura, Cevasco (2001, p.170) lembra algumas dessas reflexões, como “[...] a noção de reflexo, refinada por Lukács [...] as versões de mediação em Adorno e correlação em Benjamin”. Williams não descarta os avanços produzidos por essas reflexões no interior da teoria cultural marxista. No entanto, aponta a necessidade de tocarmos na noção herdada de base.

No interior da teoria marxista, a base foi considerada um estado, uma abstração econômica, diluindo toda a dinâmica das relações sociais enfatizada por Marx. Williams lembra que quando Marx se referia à base, buscava enfatizar as “atividades produtivas em relações estruturais específicas que constituem o alicerce de todas as outras atividades” (WILLIAMS, 2011a, p.46). Recuperando essa ênfase, Williams passa a se preocupar com a processualidade histórica que compõe esse conjunto de atividades. Nessa perspectiva, a base material é um processo dinâmico e contraditório, composta de atividades específicas postas em prática por indivíduos que estabelecem relações sociais.

Reavaliando a base como um processo, Williams retoma a passagem dos *Grundrisse*, em que Marx, analisando o teor do trabalho produtivo no contexto do capitalismo do século XIX, se refere ao trabalhador que produz um piano e ao artista que toca o piano. Nos dizeres de Marx:

Não é absurdo [...] que o fabricante de pianos seja um *trabalhador produtivo*, mas o *pianista* não o seja, não obstante o piano sem o pianista seria *nonsense*? Mas é exatamente assim. O fabricante de pianos reproduz o *capital*; o pianista só troca seu trabalho por renda. Mas o pianista, que produz música e satisfaz nosso senso musical, também não o produz de certa maneira? De fato, ele o produz: seu trabalho produz algo; nem por isso é *trabalho produtivo* em sentido *econômico* (MARX, 2011 [1857-1858], p.377-378).

Williams alerta que Marx estava considerando o sentido de trabalho produtivo e forças produtivas de uma maneira especializada, o trabalho primário destinado à produção de mercadorias. Afinal de contas, Marx estava trabalhando numa análise específica, a produção capitalista de mercadorias (WILLIAMS, 2011a, p.48).

Como vimos anteriormente, Williams está inserido num outro contexto de desenvolvimento das forças produtivas, onde a noção empregada por Marx se estreitou. Retomando a noção de “Capitalismo Tardio” do economista Ernest Mandel, Cevasco sintetiza as circunstâncias sócio-históricas desse período nos seguintes termos:

A mecanização, a estandardização, a superespecialização e a divisão do trabalho, que antes determinavam apenas a esfera da produção de mercadorias nas fábricas, penetram agora em todos os setores da existência – da agricultura à recreação e, é claro, à produção cultural. Assiste-se aí também o que ele [Mandel] chama de “Mecanização da superestrutura”, ou seja, a penetração da cultura pela expansão e mercantilização da indústria cultural (CEVASCO, 2003, p.69).

Entre os anos 1960 e 1970, assistimos a expansão da produção cultural e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. As produções culturais ganhavam ampla absorção pelo mercado, tornando-se um produto altamente rentável e indispensável para o funcionamento do modo de produção.

Inserido nesse quadro, e debatendo com a tradição marxista, Williams percebe que a noção estática de base como um “estado”, e as forças produtivas em seu sentido especializado, não conseguem apreender a dinâmica sócio-histórica. Nesse sentido, o autor retoma a acepção ampla de forças produtivas, que diz respeito à “[...] produção primária da própria sociedade e dos próprios homens, isto é, a produção e reprodução da vida real” (WILLIAMS, 2011a, p.49). Se trabalharmos com essa noção de forças produtivas, não há como descartarmos as produções artísticas como meros reflexos secundários da base. Essas produções passam a serem encaradas, nas palavras de Williams, como “[...] práticas reais, elementos de um processo social totalmente material [...] com intenções e condições específicas” (WILLIAMS, 1979, p.97).

No materialismo cultural de Williams, a cultura entra como uma força produtiva e material. Rompendo com o marxismo “vulgar”, o autor retoma a obra de Marx e tensiona seus escritos com as transformações históricas pelas quais passavam a sociedade europeia da segunda metade do século XX. Nesse resgate dos textos marxianos, passa a encarar a cultura como uma produção material, uma prática social produtiva, que possui suas especificidades. Essa prática está inserida num conjunto complexo de práticas, passando pelo crivo de instituições que organizam sua produção e selecionam o conjunto de significados e valores engendrados por esses produtores.

CONCLUSÕES

A partir do que foi exposto, podemos extrair algumas conclusões sobre as contribuições trazidas pela revisão de Williams, e suas consequências para pensarmos uma análise da cultura a partir de uma perspectiva materialista e histórica.

Conforme analisado anteriormente, na perspectiva marxista contaminada pelo mecanicismo, as produções artísticas são tomadas reflexos da base na superestrutura. Nesse tipo de análise, a arte entra como um objeto cujos componentes expressam

“reflexos” da base. Williams rompe com essa visão, e passa a encarar a produção cultural como uma prática social produtiva.

Williams considera que a produção cultural possui características específicas. Contudo, essas práticas sociais “não podem ser separadas do processo social geral” (WILLIAMS, 2011a, p.61). Nas palavras do autor:

Se estivermos buscando as relações entre literatura e sociedade, não poderemos nem separar essa prática de um corpo formado por outras práticas, nem, ao identificarmos uma prática particular, devemos entendê-la como possuindo uma relação uniforme, estática e a-histórica com algumas formações sociais abstratas (WILLIAMS, 2011a, p.62).

A cultura também entra como produção, em detrimento do sentido de “reflexo”. Nesse sentido, devemos considerar as produções culturais como práticas sociais. O que garante a permanência da literatura, peças de teatro, e da música, são notações. Elas devem ser consideradas em suas especificidades. Contudo, não podemos perder de vista que a produção cultural é um processo composto por práticas que se inter-relacionam e, em alguns casos, dialogam entre si (WILLIAMS, 2011a, p.65).

Essas notações são interpretadas ativamente, e seguem convenções¹¹ produzidas socialmente. A produção da obra está umbilicalmente ligada com as transformações nessas convenções, que representam formas de organização da produção e do relacionamento entre o artista e o público (WILLIAMS, 2011a, p.66). Através da análise, observamos as condições dessa produção enquanto prática social.

Considerando que as notações são interpretadas e produzidas a partir de convenções específicas, a análise materialista de Williams rompe com o isolamento da obra enquanto “objeto”, deslocando a investigação para as condições da prática desses artistas (WILLIAMS, 2011a, p.67). Esse tipo de análise considera que as práticas são permeadas por intencionalidades específicas, calibradas por limites e pressões históricas. No modelo de análise tracejado por Williams, as obras de arte trazem consigo “*tensões, intenções e respostas*” (GLASER, 2008, p.170), produzidas pelos artistas.

Ao produzir uma obra, o artista imprime determinadas intencionalidades constituídas historicamente, num relação complexa entre limites e pressões. Ao serem expressas nas produções artísticas, essas intencionalidades adquirem materialidade. No materialismo cultural de Williams, através da análise das obras de arte, é possível reconstruir a materialidade das interpretações engendradas por determinados artistas acerca da realidade social. Nessa perspectiva, podemos conceber a obra de arte como

¹¹ Segundo Raymond Williams, “uma convenção é uma relação estabelecida, ou base de uma relação, através da qual uma prática comum específica – a feitura das obras – se pode entender. É o indicador geral ou local, tanto das situações e ocasiões da arte, como dos meios dessa arte” (WILLIAMS, 1979, p.173).

uma *resposta* produtiva e significativa a determinado contexto histórico (WILLIAMS, 1979, p.116-117).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental: nas trilhas do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ANDREUCCI, Franco. A difusão e a vulgarização do marxismo. IN: HOBBSAWM, Eric (org). *História do marxismo II: o marxismo na época da segunda internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. Cultura: um tópico britânico do Marxismo ocidental. In: LOUREIRO, Isabel Maria; MUSSE, Ricardo (orgs). *Capítulos do marxismo ocidental*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

GLASER, André Luiz. **Materialismo Cultural. 2008**. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Literatura Inglesa e Norte-americana da Universidade de São Paulo.

HALL, Stuart. Vida e época da primeira New Left. IN: Revista Plural, Volume 21, número 2. São Paulo, 2014.

MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2014.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011a.

_____. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011b.

_____. *A política e as letras: entrevistas da new left review*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

_____. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, MG: PUCMinas, 2016.